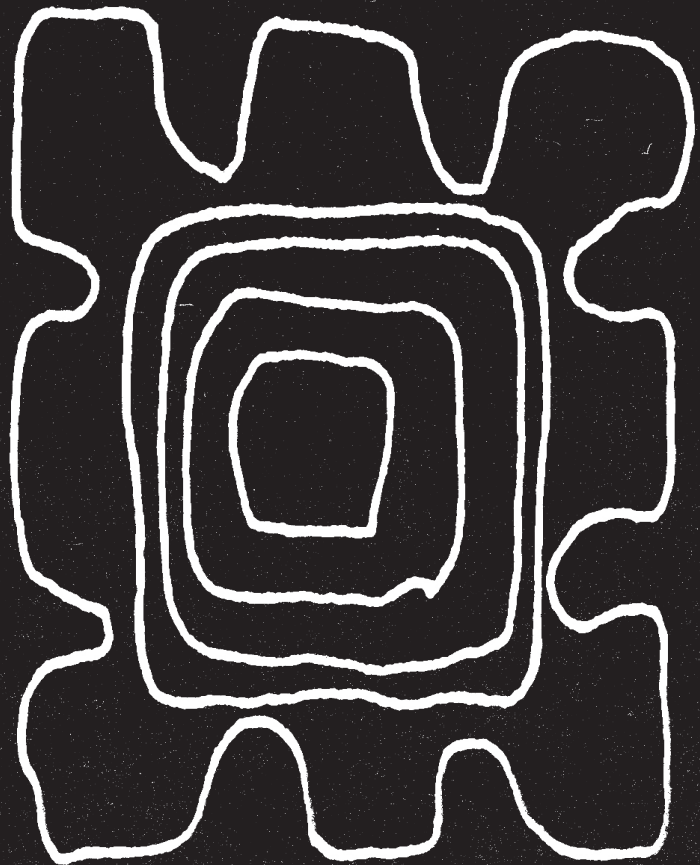




ANGELA LÜHNING

O mundo fantástico dos erês



ANGELA LÜHNING é pesquisadora do Departamento de Música, Filmes e Tradições Oraís da Fundação Verger. A sua tese de doutorado, *A Música no Candomblé Nagô-Ketu. Estudos sobre a Música Afro-brasileira em Salvador, Bahia*, foi publicada na Alemanha.

1 Existem poucas publicações que abordam a questão do estado-de-erê: a mais completa descrição, entre as poucas, certamente é o capítulo "A Estrutura do Êxtase", em *O Candomblé da Bahia*, de Bastide (1978, pp. 199-234), em que ele tenta fazer uma avaliação de diversas fontes, algumas um tanto confusas (veja nota 5).

Uma das primeiras descrições certamente é a de Ruth Landes (1967, pp. 63-5), que é bastante viva. Na tese de Giselle Cossard-Binon encontra-se uma outra descrição curta, mas muito valiosa (1970, pp. 163-5), em Serra, alguns detalhes (1980, pp. 20-1), e na tese de Lühning há dois capítulos dedicados ao assunto (1990, pp. 105-10). Verger, por sua vez, nos dá uma idéia interessante sobre uma outra possível etimologia (1969, p. 53). Fora isso ainda existem algumas informações num artigo de Arlindo Silva na revista *O Cruzeiro* (15/9/51), que na época provocou uma grande polémica por causa das suas revelações fotográficas.

2 Este artigo baseia-se em observações e pesquisas feitas em terreiros da nação ketu em Salvador, e não inclui qualquer informação do lado da nação Angola. Por este motivo tampouco consultou-se a tese de Ordep Serra que limita-se exclusivamente à nação Angola, conforme informação na publicação mencionada (1980) que constitui um capítulo da mesma. Precisa acrescentar-se que uma compreensão profunda do estado-de-erê exige um investimento de tempo muito grande pois se trata de um fenômeno que se vê pouco, muito menos do que o estado-de-santo.

3 Todas as informações referentes a termos iorubas devo ao meu colega Ayodele Fasoyin. Além do termo erê, ele deu explicações sobre os termos "afojudf" e "anibar": o primeiro, até hoje em dia usado no candomblé, embora tenha um significado um pouco diferente do significado no iorubá atual onde significa "desrespeito" ou "menosprezo". Aqui na Bahia quer dizer "mentiroso", "falso", "intrumetido", etc. O segundo termo, "anibar", deve ser uma transformação de "onibar", que no iorubá atual é o "portador de algum tipo de arma de fogo", porém existe também "anibar" que seria "aquele que porta uma arma de fogo".

Este artigo foi escrito em homenagem aos 90 anos de Pierre Fatumbi Verger, este personagem que até hoje conseguiu guardar o seu espírito de criança. Fato que nos leva ao assunto deste artigo, abordando um dos aspectos do candomblé que até agora não recebeu a sua merecida atenção. Trata-se do "erê", ou melhor, do "estado-de-erê" (1).

Lembro-me muito bem da primeira vez em que me deparei com um erê, ou melhor, com um grupo de erês. Cheguei quase no final de uma festa de candomblé e entre os orixás manifestados e vestidos havia mais três erês cujos orixás já tinham sido despachados. Os erês pulavam e corriam pelo barracão, passavam no meio do público, falando de uma forma estranha, infantil, quase incompreensível, dando gargalhadas, exigindo a atenção de todo mundo, com seus rostos cheios de talco, com uma chupeta na boca e flores no ojú que enrolava a cabeça de uma forma inusitada. O contraste entre o adulto que fisicamente estava na minha frente e o seu comportamento infantil e até desconexo era tão discrepante que eu não sabia o que pensar daquilo, menos ainda como agir. Sentia até algo parecido com o medo, em frente desta novidade incompreensível, e me perguntava quem seriam estes seres estranhos, tão diferentes dos orixás, cheios de dignidade e evocando respeito, e por outro lado também diferentes de uma pessoa no estado normal.

Deste primeiro contato para cá já se passaram muitos anos, anos nos quais vi erês de todos os tipos, nas mais diversas situações, de certa forma familiarizando-me com o fenômeno, embora continue dominando as nossas relações aquilo que talvez seja o mais característico do estado-de-erê: a imprevisibilidade, ou seja, o erê sempre prestes a surpreender com as suas reações e seus atos, fugindo de qualquer ordem.

Talvez seja esta imprevisibilidade e inexplicabilidade a razão de um certo medo que as pessoas de candomblé sentem em frente dos erês. Para elas são seres que expressam tanto um estado de loucura, quanto o espírito de alguém que já morreu. O erê é ao mesmo tempo infantil, igual a uma criança de 2, 5 ou 10 anos, que não conhece responsabilidade e não tem juízo, e travesso como um pequeno Exu. Todos esses aspectos fazem parte do caráter de um erê, esses e muitos outros que serão descritos a seguir,

sem entrar no campo de explicações e teorizações. A intenção deste artigo é a de levar estes seres diferentes ao conhecimento daqueles que ainda não os conhecem, e passar as observações que pude fazer durante quase 10 anos em candomblé da nação ketu em Salvador, Bahia (2).

Para as pessoas de candomblé a origem da palavra "erê" encontra-se na palavra "vexire", que significa "louco". Esta palavra parece ser uma inversão da palavra "asiwèrè" ou "asièrè", que significa, no iorubá atual, um estado de loucura. No iorubá existe também a palavra "wèrè", que quer dizer o mesmo (3). Esta etimologia da palavra "erê" retrata muito bem uma faceta do seu caráter. Verger (1969, p. 53) nós dá mais uma outra possível (4). Bastide chama o estado de transe do erê de "mais doce, mais suave do que o transe propriamente dito" e até de uma espécie de "transe infantil", porém distancia-se do termo "semitranse" (1978, p. 207), enquanto Cossard-Binon caracteriza-o como "*un état de transe moins violent*" (1970, p. 164). Rouget, por sua vez, designa-o como "*transe* (ou *état*) *de dépossession*" (1980, p. 85).

Todos estes termos retratam um pouco da realidade, porém pessoalmente prefiro denominar o estado de transe do erê simplesmente como um estado de transe diferente, sem usar adjetivos como "mais suave", "menos forte" ou "semi".

A questão de como descrever e definir o estado-de-erê se torna mais complicada ainda, levando em conta que há muito tempo existe uma certa fusão e confusão com o culto dos ibejis e sua contraparte católica. Isso se deve à equiparação do estado de transe do erê caracterizado por certas reações infantis com o culto dos ibejis, orixás meninos, sempre gêmeos, que são cultuados na Nigéria, o país com o maior índice de nascimento de gêmeos no mundo inteiro. Porém, aqui na Bahia, praticamente não existem pessoas feitas de ibeji (só algumas pessoas feitas na nação de Angola, porém não na ketu), e conseqüentemente não existe a manifestação dos ibejis. Segundo Bastide, "buscou-se então um sucedâneo na possessão infantil pelos erês, e assim se teria estabelecido, pouco a pouco, para alguns, uma associação indissolúvel de idéias entre os erês e os ibejis" (1978, p. 229), isso embora os ibejis sempre sejam dois e o erê individual.

Desde as publicações de Artur Ramos (veja nota 5) existe uma certa confusão entre

os dois fenômenos, o que permanece nas obras de diversos autores. Deixo estes detalhes para serem esclarecidos nas notas (5), pelos mais interessados, e limito-me a resumir o estado-de-erê da seguinte forma: trata-se de um estado de transe diferente do estado-de-orixá, um estado em que predominam reações e comportamentos imprevisíveis e de uma certa natureza infantil, abrangendo uma infinidade de aspectos que serão descritos em seguida.

Os erês apresentam-se basicamente em duas ocasiões: durante a feitura da iaô e após o estado-de-santo durante uma festa no barracão. Na ocasião das festas, os erês não se apresentam com a mesma frequência em todas as pessoas: os erês de uns ora vêm mais, ora vêm menos vezes que os de outros, dependendo do tipo de santo e de outros fatores (6). Durante a feitura dizem que o estado-de-erê descansa a pessoa do estado-de-santo em que ela se encontra uma boa parte do tempo, e que impossibilita a fala, a comunicação, a alimentação e a função das necessidades fisiológicas, a evacuação e a micção. O estado-de-erê, com todas as suas características próprias, permite a satisfação dessas necessidades (Cossard-Binon, 1970, pp. 163-4).

O erê tem uma relação muito estreita com o orixá e seu caráter, mas mesmo assim difere dele em muitos aspectos, especialmente no seu comportamento: enquanto o santo dança sempre com os olhos fechados no ketu, o erê sempre está de olho aberto, porém os dois andam descalços. Já se mencionou a diferença em termos da satisfação das funções básicas e necessidades fisiológicas que mais adiante será analisada ainda.

O erê conhece profundamente as danças e o repertório dos orixás. Ele sabe dançar e até ensinar aos outros se ele estiver com vontade. Um grupo de erês é capaz de se meter no desenrolar de uma festa e começar a puxar as cantigas dominando a situação quase que por completo, e bagunçar tudo. Alguns podem até tocar o agogô ou o xequerê, embora não se tenha conhecimento de um erê tocando os atabaques.

Da mesma forma que, em alguns casos, uma pessoa herda o orixá de outra, pode-se também herdar o erê que acompanha este orixá. Às vezes apenas o erê sem herdar o orixá. É interessante observar que muitos erês sabem jogar búzios, embora não usem necessariamente búzios, podendo qualquer objeto transformar-se no veículo para consultar os orixás: um limão ou uma maçã

partidos em quatro pedaços, com conchas de praia, pedras, moedas ou até taliça. Muitos deles até sabem jogar muito bem.

Além disso, diversos erês têm um dom de clarividência extraordinário, surpreendendo a sua capacidade de dar conselhos a respeito de assuntos íntimos das pessoas, muitas vezes não comentados com ninguém. Por isso alguns deles são procurados para darem conselhos de várias naturezas, referentes à saúde, amor, família e vida espiritual e profissional.

Embora os erês tenham um comportamento infantil, na sua grande maioria eles próprios não gostam de crianças pequenas, chamam-nas de "gatos", ficam com medo ou podem até agredi-las. Há poucas exceções, normalmente são erês de Oxum ou de Iemanjá que demonstram uma certa inclinação para cuidar de um nenê ou uma criança pequena. Mesmo assim acontece, às vezes, de um erê pedir uma criança para ficar com ela. Isso não se pode admitir e se tenta transformar esta vontade numa ajuda para criar a criança. Caso contrário, cedendo à vontade dele, dizem que a criança morre. As crianças criadas com a ajuda ou proteção de um erê são, segundo as nossas informações, mais levadas do que outras. Às vezes até acontece de se escolher um erê como padrinho ou madrinha.

Existe ainda uma outra constelação: uma vez ou outra acontece de um erê pedir a uma moça para se casar com ele. Neste caso, ela tem que dizer ao erê que já é noiva, alegando algum compromisso, porque, caso contrário, satisfazendo a vontade do erê, dizem que a moça jamais vai casar, pois estabeleceu este compromisso com o erê. Sejam casos frequentes ou raros, verídicos ou não, eles demonstram a força que se atribui ao erê, a cautela com a qual tem que se lidar com ele.

A vestimenta dos erês chama muita atenção, e deve ser descrita detalhadamente. Os erês andam sempre descalços, sempre com um ojá na cabeça, porém, amarrado de um jeito diferente de qualquer santo ou da pessoa em si. É um jeito pessoal, criado por cada um deles, com laços imensos, às vezes até com mais de um ojá, que formam um verdadeiro turbante.

A roupa propriamente dita, em princípio, é própria do erê: é ele quem guarda a na roça em algum lugar que só ele sabe e a busca quando precisa. O erê, em mulher, usa saia, e o erê, em homem, calça, com um ojá amarrado no peito, mas já existem al-

4 *"In Brazil, among the descendants of Nago-Yoruba people who have remained faithful to the cult of their ancestors' orisha, the elegun in this kind of resting state is said to be possessed by ere or ashere. Among the Nago-Yoruba this being is addressed asinu eru de - 'the one who arrives with the luggage'. This label indicates his position as associate of the orisha himself. It is in this state that the elegun is given food and drink and is allowed to sleep and answer nature's calls. When he is possessed by the orisha himself, his body must be completely insulated from these prosaic needs" (Verger, 1969, p. 53).*

5 Artur Ramos escreve, em *O Negro Brasileiro*, num capítulo próprio, dedicado aos gêmeos, em que fala dos vários tipos de cultos dos ibejis, um desses em certa relação com Xangô: "Essa aproximação com Xangô observa-se ainda na Bahia onde são cultuados dos orixás Erê, tidos como filhos daquele santo" (1940, p. 386). "Outros orixás, de origem jeje-nagô, de menor importância, são cultuados na Bahia e no Rio, sob vários nomes. Erê, filho de Xangô, conforme registrei na Bahia", e segue numa nota de pé-de-página: "Para alguns negros, Erê não é um orixá, é apenas uma espécie de espírito inferior, que acompanha o 'santo' ou orixá" (1940, p. 52). Estas colocações são complementadas por duas ilustrações reveladoras: uma, a figura 7, mostra um oxe de Xangô e duas estátuas de um par de ibejis, porém com a legenda embaixo "Xangô e Erê", enquanto na outra, figura 41, se vê Exu com as mesmas estátuas de Ibeji, e novamente está escrito "Exu e Erê". São justamente estas ilustrações que nos dão uma pista a respeito do equívoco ocorrido, sem dúvida nenhuma trata-se de estátuas dos ibejis, cuja característica é o tamanho igual e a conta de lagidibá presa nos quadris que se conhece das estátuas ibejis da África até hoje em dia. Ocorre que a palavra ioruba para estátua é justamente "erê", sem ter nada a ver com o estado-de-erê. Certamente houve um equívoco da parte de Ramos, considerando as estátuas dos ibejis sendo erê (entidade) em vez de uma simples designação para a estátua. Bastide fez a mesma observação e escreve: "Há em língua ioruba a palavra erê, que significa estátua, ora, sabe-se que os ibejis são sempre representados por duas estatuetas, uma em geral feminina e a outra masculina (...) compreende-se então que os negros digam aos brancos que pedem informações: os ibejis são erês. Querem dizer que são estatuetas. Mas os brancos compreendem erê no outro sentido, o de acompanhantes dos deuses". E conclui de certa forma com uma definição "negativa" do erê: "Vimos tudo o que os erês não são: não são nem orixá, nem filhos de Xangô, nem espíritos dos

gêmeos. Mas o que aprendemos de positivo se limita a pouca coisa: todo orixá tem o seu erê que o segue como um criadinho vai atrás do seu patrão nas viagens” (1978, p. 230), com a última frase fazendo uma alusão à etimologia citada de Verger (1969, p. 53).

Até Edson Carneiro, que escreveu tantos livros excelentes, permanece neste equívoco quando escreve: “Ibeji (ou simplesmente Beje), os gêmeos, são espíritos inferiores, orixás meninos, coletivamente chamados erês ou os meninos - muito populares na Bahia”. A descrição, no início da frase, refere-se ao fenômeno do estado-de-erê e não ao culto dos Ibejis, e segue: “Surtem sempre depois da manifestação de qualquer orixá, como um período de transição para o estado normal, pois os negros acreditam que todas as pessoas que têm *santo* têm também um erê - de Cosme e Damião, de Crispim e Crispiano, de Dôú e Alaba...” (1948, p. 49). Com a lista dos seis nomes no final ele novamente confunde os erês com os Ibejis e sua contraparte católica, embora tenha colocado o estado-de-erê como algo próprio e diferente.

6 Fora da feitura - que faz a presença dos erês desejável ou até necessária (por causa dos motivos mencionados) - se chama o erê depois das festas públicas ou até fora de qualquer contexto ritual.

Depois das festas costuma chamar-se mais os erês das *iaôs* (quer dizer, das pessoas recém-iniciadas com menos de sete anos de feitas) do que os erês das *ebomins* (as pessoas com mais de sete anos de feitas) que já têm muito mais responsabilidades dentro do *candomblé*, exercem funções e cargos que o erê dificilmente poderia cumprir. Mas mesmo assim acontece que o erê de uma *ebomin* velha apresenta-se porque ele mesmo queria vir.

As vezes a manifestação do erê acontece também fora do contexto ritual, mas neste caso muitas vezes trata-se de uma forma de punição da parte do pai, ou mãe-de-santo.

Uma filha-de-santo, por exemplo, comporta-se de uma forma tão irreverente e contra as regras existentes no *candomblé* que a mãe-de-santo chama o erê da pessoa. Já vi alguns exemplos deste tipo.

guns que usam uma gravata no peito nu.

Os erês adoram enfeitar o ojú com flores, encher o rosto (!) com talco. Eles chupam um bico ou o dedo, outros já têm uma coleção de bicos no pescoço. As vezes enfeitam o seu traje com óculos que sempre colocam ao contrário, com a perninha para cima em vez de segurar atrás da orelha, ou até em cima da cabeça. É mais que surpreendente observar que, quando uma pessoa que normalmente usa óculos devido a um grave defeito de visão, no estado-de-erê não somente dispensa os óculos como até não deixa transparecer nenhuma dificuldade em enxergar. O erê faz tudo como se não sentisse nada. Também enfeitam-se com brincquedos - certa feita vi um erê de Ogum com um trompete de plástico pendurado na cintura, e um de Oxumaré com uma serpente de plástico em volta do pescoço. Outros completam o seu traje com uma colher de pau, um atori (especialmente os de Oxalá), bichos vivos, ou um chapéu.

Afora estes enfeites, que fazem parte do traje, eles gostam de brincquedos que sempre levam consigo, e que pedem quando vêm na mão de uma pessoa ou de outro erê.

É interessante de se observar e ao mesmo tempo apenas lógico que os tipos de brincquedos cobijados pelos erês mudaram no decorrer do tempo. Nos anos 40-50 usavam-se, segundo Arlindo Silva, “carrinhos de lata, pedrinhas coloridas, pincéis, tintas e lápis de cor. Essa a razão pela qual as paredes da camarinha estão sempre cobertas de garatuja, de desenhos idênticos aos que as crianças costumam fazer” (1951, p. 44). Hoje em dia, além dos brincquedos de plástico, também já vi erês brincarem de gude, com carrinhos de metal e de plástico, com bonecas, etc., ou até com qualquer utensílio de cozinha.

Os nomes dos erês são escolhidos por eles próprios. Pergunta-se a eles qual é o seu nome, e eles o dizem. Normalmente são nomes que têm alguma ligação com o santo da pessoa em questão e expressam o caráter e certas características dele. Erês de Exu trazem nomes como “Foguinho”, “Pingelim”, “Brasinha” ou “As de Ouro”, embora sejam raros. Os de Ogum têm nomes como “General”, “Coronel”, “Capitão” ou “Soldadinho”, outros nomes são “Azulão” (que é uma ave pertencente a Ogum), “Espadinha” ou até “Príncipe”. Erês de Oxóssi muitas vezes têm nomes de aves ou de plantas: “Periquito”, “Bem-te-vi”,

“Cravo-Branco”, “Alecrim” ou “Rei das Minas”. Os de Ossaim, que são raros também - como o santo - chamam-se, por exemplo, “Fuminho”, porque Ossaim gosta muito de fumo. Erês de Oxumaré podem ter nomes como “Coral” ou “Arco-Iris”. Os de Omolu trazem nomes como “Cisne”, “Capitão de Palha” ou “Caragonji”, e os de Nanã, “Violeta”, “Baronesa” (a flor aquática) ou “Juriti” (que é um tipo de pombo). Erês de Xangô apresentam nomes como “Cardenal”, “Corisco”, “Trovão”, “Coração Bondoso”, “Coração Doce” ou “Trovão de Prata” (especial de Xangô Airá). Os de Iansã se chamam “Espadinha”, “Rosa Branca”, “Flor da Noite” ou “Ventania”. Erês de Oxum e de Iemanjá em geral demonstram alguma ligação com a água, incluindo nomes de peixes ou aves marítimas, conchas, etc. Temos, de Oxum, “Douradinha”, “Piabinha”, “Coruvinha”, “Princesa”, “Princesa das Águas Claras” ou “Rosa Menina” e, de Iemanjá, “Gaivota”, “Conchinha”, “Chuvinha Prateada” e “Estrela do Mar”. Os de Oxalufã e Oxaguiã normalmente trazem os seguintes nomes: “Suspiro”, “Pingo de Prata”, “Príncipe”, “Pombinho”, “Lírio Branco” ou “Professor”.

A alimentação do erê merece atenção especial, porque difere bastante da de uma pessoa no seu estado normal. Mesmo assim ela varia de um erê para outro, porém tem certas preferências gerais. A grande maioria dos erês adora o “ekó”, que é o acaçá branco dissolvido em água, às vezes acrescentado de mel. O “ekó” é um dos alimentos básicos durante a feitura e muitos erês tomam-no diretamente na mamadeira que os acompanha sem tomar um outro alimento qualquer.

Outros já adoram o quiabo e devoram gamelas de amalá, até com pimenta, ou o “biajabó”, que é quiabo com ori. De uma forma geral, eles não comem alimentos cozidos ou industrializados, que normalmente fazem parte do cardápio baiano como carne, feijão, arroz, verduras, nem mesmo café, pão ou bolo. Eles preferem, muitas vezes, alimentos crus como todos os tipos de frutas, ovo cru, axé do orixá, carne crua, sangue de pinto, e até bichos como jia, grilos ou areia, folhas ou terra. Doces, de uma forma geral, eles não podem comer, exceto o mel que adoça o “ekó”, mas fora isso dizem que faz mal e que podem até morrer.

Muitos alimentos gozam de uma grãia própria, criada pelos erês - sejam os consumidos ou não por eles: “falecido” = carne

cozida; “água preta” = café (veja também Landes, 1967, p. 63); “bucha” = pão; “bola branca” = ovo; “bunda cheia” = laranja; “bunda vermelha” = maçã; “bunda branca” = pêra; “baboso” = quiabo; e muito mais. Eles bebem “omim” que é a palavra ioruba para água, quando não bebem “arua” que é uma bebida fermentada de abacaxi, gengibre e rapadura. Quando estão com fome eles pedem “ajeum”, usando o termo ioruba para comida, ou usam expressões como “estou com um buraco imenso aqui”, mostrando a barriga, ou até se arrastam pelo chão dizendo-se em grande estado de fraqueza.

A criação deste vocabulário próprio tem que se ver num contexto maior: o da linguagem e da fala dos erês. O erê nasce ou com o dom da fala, ou sem ele: aqueles que não falam corretamente apenas emitem sons e comunicam-se com gestos. Mas a grande maioria possui fala - eles falam português, mas de uma forma dificilmente compreensível, chiando, engolindo sílabas, usando um vocabulário reduzido - igual a de uma criança pequena, e com a especialidade de normalmente usar termos pouco concretos e exatos, expressões meio fantasiosas, quando não se trata daquela gíria mencionada. Os termos descritivos podem ser expressões como “aquele negócio que vai de um lado para o outro” (o ônibus), ou “aquele negócio que faz bater” (que pode ser tanto o coração quanto um relógio).

Uma outra característica dos erês é a de falar certas coisas ao contrário: quando alguém está chorando, dizem que está rindo e quando está rindo, dizem que está “descendo aquele negócio nas bochechas”.

Mesmo apresentando esta dificuldade de falarem, pronunciarem ou serem entendidos pelas outras pessoas, os erês entre si compreendem-se perfeitamente bem, às vezes até ajudando-se mutuamente para explicar um certo fato ou uma palavra a uma pessoa em estado normal que não consegue entendê-los. Outras expressões são referentes ao mundo das fantasias, do medo e certos gostos e preferências deles.

O erê tem uma imaginação muito fértil: certos objetos colocados neles ou que vêm na mão de outros transformam-se em objetos cobiçados, preciosos, merecendo todo o seu orgulho. Um ojá colocado em forma de uma gravata no pescoço de um certo erê torna-se uma gravata importada da França.

As vezes os erês dominam as outras pessoas impondo as suas idéias e fantasias:

fazem todo mundo comer certas comidas malucas, inventadas por eles, como maçã mergulhada em ovo cru, galinha cozida, porém cozida inteira com penas, pés e todo o miolo sem limpar a ave. Outras vezes eles põem areia por cima da comida dos outros, como se fosse farinha de mandioca, suplemento básico para quase todos os pratos da cozinha baiana.

O erê sente medos profundos que o fazem correr, não usar certo objeto, ou usá-lo só em última necessidade. Eles não assistem televisão nem ouvem rádio porque dizem que é uma caixa que tem a voz dos eguns ou dos antepassados e que faz mal assistir. Da mesma forma, têm medo do *flash* da máquina fotográfica, tanto da luz quanto do som. Também têm medo do sanitário, afirmando que ele os devora. A consequência disso é terem medo da evacuação e até da micção, sustando-a até o último momento. O que significa que até as necessidades fisiológicas inexistentes no estado-de-santo, e em princípio funcionando no estado-de-erê, são controladas e influenciadas pelo medo. Tampouco gostam de sapatos e os chamam de “jacaré”. Têm medo da polícia, que chamam de “canela preta” ou “aniban”, que deve ser uma transformação da palavra ioruba “onibon” (veja nota 3).

Certa feita pude observar que alguns erês correram do som de um violino porque não o conheciam, enquanto gostam de outros instrumentos musicais como violão, flauta ou ganzá. O erê pode até tocar violão (7).

Da mesma forma que com as crianças, das quais, como já foi dito, sentem até medo, os erês não gostam de bonecas grandes, que dizem querer comê-los. Outros têm medo de gente branca, medo de automóveis, que chamam de “bunda de borracha”, ou do avião, que é chamado de “afojudi” (veja nota 3).

Em compensação eles têm certos prazeres e satisfações: a maioria gosta de ficar em tonéis ou bacias com água, vivendo eternamente molhados enquanto só alguns detestam tomar banho. Outros adoram ficar nas árvores, se balançando no vento, comendo frutas verdes e até bichos, e pulando do alto. Muitos têm cobiça por dinheiro, mas só gostam de moedas e não dão nenhum valor às cédulas de papel. Chamam o dinheiro de “owo”, usando o termo ioruba. Alguns preferem chutar bolas e correr o tempo inteiro enquanto outros só se locomovem bem devagar, dizendo que não agüentam calor e sol forte (estes últimos são normalmente

7 Há erês que demonstram uma vocação muito forte para a música: uns tocam samba, batem palmas ou cantam, e outros tocam o pandeiro. Até houve um erê de Omólú de nome “Sambador”. Um outro, de Oxóssi, chama-se “Cavaleiro”, é muito galante e faz serenata, cantando e até chorando de emoção. Como uma certa canção interpretada por um erê:

“Tinola Sacana
vou lhe pedir um favô
pra tinola me ajudá
pra encontre me amoi”

(Senhora Santana
vou lhe pedir um favor
para a Senhora me ajudar
eu encontrar o meu amor)

erês de Oxum) e precisam ser até servidos porque são príncipes.

Não se pode esquecer de mencionar que os erês não gostam de dormir, e mesmo quando se deitam de noite ficam num estado semi-acordado, dando sinal, por qualquer barulho, de que estão acordados. Dizem ainda que a noite pertence aos eguns e talvez tenham medo do escuro porque não gostam da cor preta, embora em geral não tenham preferência de cor. Apenas no momento em que vai embora, o erê dorme profundamente, e a pessoa então acorda no seu estado normal.

Alguns erês são mais atrevidos do que outros, mais retraídos e até tímidos. Certa vez vi um erê de Oxumaré que há muito tempo não tinha aparecido, porque não havia sido chamado - como ele mesmo reclamou. Então ele se refugiou na casa de uma irmã-de-santo dizendo que não estava acostumado com a zoadá dos outros erês, e que pessoalmente não gostava muito de barulho e não estava a fim de brincar porque ainda não tinha brinquedo, nem a sua roupa.

Seja o comportamento do erê como for, tímido, levado, atrevido ou violento, em todo caso ele tem que ser educado para se tornar menos selvagem ou malcriado. Sem uma certa educação e orientação ele pode demonstrar comportamentos que são mais "animalescos" do que "humanos": até imitando o andar ou sons de certos bichos que às vezes dão nome ao erê. Outros gostam de andar nus - aliás, eles costumam chamar a roupa de "pelanca" -, comer com a mão, do chão, se não comem logo terra ou areia. Às vezes são finos ladrões, roubam qualquer coisa que consideram valiosa para eles: uma roupa, um brinquedo, uma jóia, etc., um pinto para chupar o sangue dele. Então, em todos esses casos, tem que se educar o erê para que ele perca esses hábitos e aprenda outros, que se ensinam a ele. Assim ele pode aprender a varrer, lavar roupa e louça, cozinhar, ou até bordar, porém sempre precisa de uma certa supervisão. Mas mesmo assim alguns só gostam de balançar as pernas, sem fazer nada, ou só querem brincar, e aprontam o tempo inteiro. Quer dizer, o erê passa por uma fase de aprendizagem e educação talvez comparável à de uma criança, só que o erê não progride nas suas aprendizagens, ele aprende imitando até um certo grau mas não passa daquilo, como também não envelhece. Ele tem eternamente a idade com que "nasce", aos poucos aumentando

a discrepância entre a idade da pessoa em si e o erê.

Todas as informações a respeito do erê são dadas por ele mesmo: começa-se a perguntar de onde ele vem, o que ele faz na terra dele, como é o nome dele, quais são os brinquedos de que gosta, de que tem medo, etc. Ele responde na medida em que pode. Alguns dizem até que têm profissão: vendem alface na feira, são médicos, músicos, professores ou alfaiates.

O erê sabe também da pessoa em si no seu estado normal e se refere a ela como "meu filho", "minha filha", que parece expressar a dominação completa do erê sobre a pessoa em si. O erê sabe inclusive - se perguntado - o que o "seu filho" faz, pensa e gosta na sua vida normal. Porém, o contrário não se pode dizer: a filha-de-santo não sabe o que o erê dela faz, e nem se deve comentar nada com ela para ela não se assustar nem sentir vergonha. Mesmo assim ela às vezes toma conhecimento das travessuras do erê através de comentários de crianças ou de pessoas de fora que não sabem desta proibição. E raramente ela mesma descobre sem querer, por exemplo, quando acorda com uma perna de jia na boca, ou melada de alguma coisa que normalmente não toca, como sinal de que o erê dela consome estes objetos. Porém, mesmo tendo descoberto algum detalhe de seu erê a pessoa em si nunca sabe tanto quanto o erê sabe dela.

A provável etimologia da palavra erê, ser louco ou maluco, nos dá uma indicação valiosa sobre seu estado delicado. Dizem que o erê não pode ser contrariado em nada para não deixar a pessoa maluca depois de voltar a si. Normalmente o estado da pessoa que acorda do estado-de-erê se assemelha àquele da pessoa que acorda do estado-de-santo. Em ambos os casos ela fica desorientada, sem se lembrar de nada daquilo que aconteceu.

Como o erê só vem quando quer ou quando for chamado (veja nota 5) (com algumas palavras próprias e com mel), ele também só vai embora quando ele quer, sinalizando que está com vontade de dormir, ou quando alguém consegue convencê-lo de que seu filho tem que trabalhar, ir ao médico ou à escola.

A inserção de muitos filhos e filhas-de-santo no mercado de trabalho explica de certa forma porque se vê o estado-de-santo relativamente pouco fora da feitura: somente as festas para os orixás já exigem uma de-

dicação de tempo muito grande, cada filha (filho) ajudando na medida em que tem condições. Para quem tem um trabalho fixo, submetido ao cumprimento de certos horários e turnos, é, às vezes, difícil - além do investimento de tempo nas próprias festas para os orixás - ficar mais um, dois ou mais dias de erê, arriscando-se a perder o emprego ou ter um desconto no salário (8). Isso significa, então, que o erê apresenta-se apenas em determinados casos durante uma festa, ou porque ele mesmo insiste para ficar, ou porque foi chamado por algum motivo. Porém, este fato não influencia em nada a importância do estado-de-erê durante a feitura, descansando o corpo da iaô quando ela não está no estado-de-santo, o que continua sendo a razão principal do estado-de-erê.

Nesta abordagem do comportamento e das reações do erê, embora de forma incompleta ainda, vimos a grande variedade de manifestações caracterizando o estado-de-erê como algo imprevisível, difícil de ser compreendido ou até de ser analisado ou classificado. Ainda não existe uma explicação do fenômeno do estado-de-erê, na verdade há diversas concepções e tentativas de explicação: para as pessoas de candomblé ele significa a manifestação de uma mistura de diversas influências de fora, acompanhando o orixá, e manifestam-se na pessoa. Verger, por sua vez, tenta dar uma explicação diferente que ressalta mais a ligação entre a personalidade da pessoa em si e o caráter do erê:

“O comportamento do iniciado, em ‘estado de erê’, é mais influenciado por certos aspectos de sua personalidade que pelo caráter rígido e convencional atribuído a seu orixá. É a revelação de um aspecto do seu caráter, muitas vezes difícil de perceber quando o iniciado exerce um controle, uma censura rigorosa sobre seus atos e palavras. É, de certa forma, como um personagem embriagado que não toma mais conhecimento do que faz, e diz coisas que não ousaria expressar se estivesse senhor de si” (Verger, 1981, p. 47).

Ainda é cedo demais para fazer alguma avaliação dessas concepções e outras talvez existentes, mas, como já disse no início, este artigo não se entende como análise ou descrição que abrange o maior número de aspectos possível, abrindo o espaço para uma futura discussão e compreensão do estado-de-erê, que é complexo demais para ser resumido em poucas páginas. Então, por enquanto temos que constatar que mais uma vez a vida em si mostra-se mais rica e complexa do que as tentativas de prendê-la a descrições em palavras ou até reduzi-la à análise científica. Mesmo assim ficaria contente se essa primeira pequena descrição tivesse estimulado os leitores a conhecerem esta faceta da vida que é o mundo fantástico dos erês com toda a sua irreverência e imprevisibilidade, cheio de surpresas e descobertas a serem feitas.

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. Brasileira, vol. 313. São Paulo, Companhia Edit. Nacional, 1978.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Salvador, Publicação do Museu do Estado, nº 8, 1948.
- COSSARD-BINON, Giselle. *Contribution a l'Étude des Candomblés au Brésil. Le Candomblé Angola*. Paris, Doctorat, 1970.
- LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro, Edit. Civilização Brasileira, 1967.
- LÜHNING, Angela. *Die Musik im candomblé nagô-ketu. Studien zur afrobrasilianischen Musik in Salvador, Bahia*. Hamburg, Verlag K. D. Wagner, 1990.
- RAMOS, Artur. *O Negro Brasileiro*. São Paulo, Companhia Edit. Nacional, 1940.
- ROUGET, Gilbert. *La Musique e la Transe*. Paris, 1980.
- SERRA, Ordep J. Trindade. *Estrofes e Antistrofes: o Andamento do Drama Ritual no Culto do Candomblé da Bahia*. Salvador, Centro de Estudos Baianos, UFBA, Publicação nº 88, 1980.
- SILVA, Arlindo. “As Noivas dos Deuses Sanguinários”, in *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, Edição de 15 de setembro de 1951, pp. 12-26, 45, 49 e 128.
- VERGER, Pierre. “Trance and Convention in Nagô-Yoruba Spirit Mediumship”, in *Spirit Mediumship and Society in Africa*. London, Edit. J. Beattie and J. Middleton, 1969, pp. 55-66.
- . *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador, Cortupio, 1981.

8 Sem dúvida, podemos constatar que no candomblé hoje em dia existe uma outra dimensão de tempo que é responsável por muitas transformações que ocorrem com sempre mais rapidez. O conceito do tempo africano, que vigorava no início do século, ainda hoje quase sempre é substituído, ou pelo menos influenciado, pelo conceito do tempo americano, caracterizado pelo slogan “time is money”. Enquanto antigamente se aprendia com o máximo de tempo possível, sem compromissos rígidos em termos de horários, hoje em dia falta o tempo para aprender aos poucos, ouvindo e observando, acompanhando e imitando como expressão de um processo natural em que a pessoa aumenta o seu conhecimento na medida em que se mostra preparada. Atualmente o tempo disponível de muitas filhas-de-santo está sendo medido por outros compromissos de trabalho na vida moderna, não deixando o espaço para um processo demorado de aprendizagem via transmissão oral. Na medida em que os iniciados convivem menos com a natureza e sempre mais com a vida nas cidades grandes - com todo acesso aos meios de comunicação de massa -, eles recorrem muitas vezes a informações que já passaram para o plano da escrita ou o meio audiovisual, sendo o resultado de pesquisas feitas sobre as religiões e culturas afro-brasileiras e africanas. Porém, apesar de constatar todas estas modificações e transformações referentes ao tempo, que também podem ser chamadas de adaptações necessárias à vida moderna, é difícil de avaliá-las nas suas dimensões e conseqüências - sem falar de outras modificações ligadas à vida das filhas-de-santo e ao convívio com iniciados de outras camadas sociais. Deixamos uma discussão mais abrangente destas questões para uma outra oportunidade.